



2023

ANO DA REGRA
DE VIDA DOS
FRADES MENORES



CAPÍTULO III

UMA ESPIRITUALIDADE QUE PERPASSE A VIDA

8º Centenário da aprovação da Regra Bulada foi assumido pela Ordem dos Frades Menores como convite à ressignificação de sua própria identidade enquanto fraternidade de homens consagrados a Deus. Como forma de ajudar a corresponder a este convite, este artigo se soma à proposta de lançar luz sobre o texto da Regra em vista da recordação daquilo com que cada Frade Menor se comprometeu buscar e viver por toda sua vida.

Depois de apresentar os fundamentos de nossa Forma de Vida: o Evangelho, os votos e a comunhão eclesial (Cap. 1), e de estabelecer o modo como cada irmão deverá ser recebido “na obediência” da Ordem quando descobrir-se chamado pelo Senhor (Cap. 2), a Regra se volta para a vida de oração e jejum, assim como para o modo como os frades deverão apresentar-se diante das pessoas (Cap. 3). Sem se deter nos detalhes das temáticas abordadas – o que pode ser acessado pela leitura do próprio capítulo da Regra – buscar-se-á dar acento à intenção presumida de São Francisco de Assis e os secretários da Ordem.

A PARTIR DA ORAÇÃO... (vv. 1-5)

O terceiro Capítulo da Regra Bulada, ao falar da oração, determina que os frades rezem a Liturgia das Horas e participem da celebração eucarística, seguindo a prática de toda a Igreja e, para aqueles que não sabem ler, rezem o “ofício dos Pais Nossos”. Além disso, estabelece que cada irmão reze os devidos sufrágios por um confrade falecido.

Não há dúvidas de que São Francisco entendia que o primado da existência pertence a Deus e que este princípio é a base de toda vida que se pretenda religiosa. Caberia ao Frade Menor assumir como seu primeiro “ofício” o zelo pela relação com Deus. Este fundamento, longe de se opor à vida apostólica, deve ser assumido como adoção da dinâmica evangélica de alternância entre a “montanha e a planície”, elevando as necessidades e experiências da vida e da missão à oração enquanto as perpassa e as motiva com a intimidade cultivada com Deus. Sem o cultivo de uma profunda experiência de fé, porque um frade sairia a evangelizar? Sem o cultivo de reais relacionamentos humanos e fraternos, sem a dedicação à ação evangelizadora, o que um frade traria às suas orações? Apenas a si mesmo?

A partir desta perspectiva, tornam-se mais claros os demais princípios da vida de oração do Frade Menor: ao estabelecer um único ofício dentre tantas outras possibilidades, São Francisco queria garantir unidade entre as Fraternidades e a fidelidade/proximidade com a Igreja Romana. Estas intenções permeiam outras escolhas feitas pela Ordem, mas é importante que se ressalte como elas também estão presentes na prática da oração comunitária. Onde quer que um frade

esteja, como residente ou visitante, a mesma oração oficial da Igreja será rezada. Ali ele terá a possibilidade de participar da celebração eucarística, fonte da comunhão entre os irmãos. Saberá que, aqueles irmãos que estiverem impossibilitados de rezar comunitariamente, serão recordados e incluídos nas preces dos demais. A oração comunitária é apresentada, deste modo, como forte elo de comunhão e de identidade fraterna do Frade Menor.

A proximidade com a Igreja Romana manifestada na adoção do modo proposto por ela para rezar e celebrar revela-se como elegante modo de fidelidade e unidade com seu Magistério. Mesmo os irmãos iletrados, incomuns em nosso tempo, podem rezar o Pai Nosso, oração ensinada pelo próprio Filho de Deus, conhecida de cor – mente e coração – por todos, e legada como patrimônio espiritual para toda a Igreja. Tal leitura não impede a inculturação, tão estimada e estimulada, especialmente em nossa realidade de América Latina, pelo contrário, oferece importantes balizas para que a criatividade própria do Espírito Santo suscite adaptações que não firam a unidade do único Corpo de Cristo.

Por fim, a lembrança da oração pelos confrades falecidos faz recordar a comunhão dos santos e fortalecer a vivência da unidade da Ordem. Os frades rezam movidos pela gratidão pela vida dos irmãos que os precederam e dos seus esforços consagrados à construção do Reino e a evangelização a partir da Ordem. Confiam-se a sua intercessão para que possam, em seu tempo, continuar a dar passos e oferecer seu contributo à História da Salvação.

Assim, a oração é entendida como meio ou exercício para o cultivo da comunhão e intimidade fraterna e dos irmãos com Deus. Como tal, sempre haverá espaço para a reflexão de como ela tem sido vivida nas Fraternidades, ou com que espírito os irmãos têm celebrado juntos. Se a oração tem ajudado os irmãos a estarem em consonância com Deus e entre si.

...FIRMANDO-SE NO ESSENCIAL DA VIDA... (vv. 6-10)

Já sobre a ascese, o Capítulo estabelece três quaresmas a serem vividas (a da Epifania, do Natal e da Páscoa) sendo que apenas as duas últimas permanecem prescritas pelas Constituições Gerais atuais, além de apresentar as sextas-feiras como dias de jejum para a Ordem.

O próprio texto da Regra, após estas determinações, revela o espírito pretendido por São Francisco nesta dimensão ascética: “em tempo de manifesta necessidade, os irmãos não sejam obrigados ao jejum corporal”. Mesmo que sob o olhar de nosso tempo não esteja claro, o texto da Regra já havia reduzido a prática dos jejuos ao mais essencial, o que fica mais evidente quando comparado com outras Regras e Constituições religiosas. São Francisco aproximava a vivência da dimensão ascética por parte dos frades à prática de todo fiel cristão. E, ainda, a expressão por demais vaga para um texto legislativo “tempo de manifesta necessidade”, confia à maturidade e responsabilidade de cada irmão e Fraternidade esclarecer, caso por caso, quando a necessidade justificaria a amenização do exercício ascético tão próprio da vida religiosa. Assim, evidencia-se o espírito paternal e humano de São Francisco que se sobrepõe ao frio legalismo que poderia limitar a misericórdia.

O modo de São Francisco entender a ascese não desconsidera sua importância enquanto exercício que favorece a busca do essencial da vida e da experiência de fé, entretanto, ele evidencia a consciência de que esta não passa de um recurso para aquilo que é essencial e alerta, ao mesmo tempo, que ela pode ser assumida como falso critério de santidade. O jejum é um exercício proposto pela Igreja e pelos documentos da Ordem, ele é exercício de experiência de ausência, de abnegação de coisas com as quais o frade se acostumou, para recordá-lo d’Aquele a quem quer sempre buscar, mas, por vezes, acaba se esquecendo. O jejum, assim, lança o frade novamente na busca por Deus e, além disso, pode despertá-lo à outra característica tão própria da espiritualidade cristã: a caridade. Pois, o movimento da ascese só é completo quando ele provoca a doação de si e do que se tem ao outro, quando se deixa de buscar apenas a si, para buscar a Deus.

Contemplando tal perspectiva, importa refletir porque a ascese não encontra seu devido espaço na vida cotidiana e prática de fé, colocada muitas vezes sob desconfiança ou entendida como tema desgastado e ultrapassado. Afinal, exercitar-se na abnegação de si em vista da doação do que de melhor se possui a Deus e ao próximo não está no âmago da fé cristã?

A ascese corporal, quando devidamente empregada, é um recurso que pode ser grande auxílio na conversão de todas as energias em direção da razão primeira de sua vida. Porém vale dizer: a ascese é tudo isso, mas apenas isso.

...PARA REVELÁ-LO

AO MUNDO (vv. 11-15).

São Francisco entendia que a vida do Frade Menor deve se realizar no mundo, em meio às pessoas que estão no mundo. Concluindo o Capítulo 3 da Regra, ele descreve o modo como esta grande “Fraternidade em missão” deverá se apresentar. O texto afirma: os frades devem ir desarmados de qualquer julgamento, ímpeto de discussão e divisão. Devem ser mansos, pacíficos e humildes e tratar a todos com o devido respeito.

O que está sendo descrito pelas letras da Regra é o espírito de minoridade que deve caracterizar o modo do Frade viver e se relacionar com as pessoas. Espera-se que ele não busque reivindicar a razão, a posse da verdade, ou incitar discussões com o mesquinho intuito de derrotar os outros. Espera-se que ele não assuma a posição de julgamento sobre os outros, postura de quem se sente superior aos demais. Tais atitudes fomentam violência e São Francisco era declaradamente contrário a ela.

A minoridade, ainda, conduz a pessoa à libertação da autorreferencialidade narcisista, tornando-a disponível para estabelecer relações realmente marcadas pelo respeito, amor e paz. Torna o indivíduo manso, pacífico e modesto, como prometeu ao se tornar Frade Menor.

Assim, entende-se que, para São Francisco, o anúncio da paz, marca da evangelização ao modo franciscano, não é restrito a uma teoria retórica, mas se revela como compromisso a ser exercitado pessoalmente pelo frade. Seu modo de se portar diante das pessoas e de se relacionar com cada uma delas deve ser marcado por esta busca existencial.

As demais normativas seguem este lastro da sensibilidade minorítica que impele o frade a tratar cada pessoa com cortesia, para que as relações de paz possam crescer; a se importar com as condições e realidades das pessoas que participam das ações evangelizadoras, de modo que suas escolhas sejam condizentes e coerentes com a minoridade.

A missão dos frades, como se deixa entender, não é apresentada como nenhuma ação específica, mas ela será sempre marcada por uma postura humilde e pacífica diante de todos e assim, e somente assim, o Frade Menor evangelizará e continuará a contribuir com a Igreja sendo fiel ao seu carisma, em qualquer serviço ao qual ele se dedicar. Esta afirmação deve provocar a reflexão pessoal: é com este modo de proceder que cada um tem se relacionado com os irmãos e com o povo em sua vida e missão?

CONCLUINDO

O Capítulo 3 da Regra Bulada, tendo estabelecido o cultivo do espírito de oração e devoção em Fraternidade como a fonte primeira da vivência da forma de vida religiosa franciscana, passou à ampliação do horizonte ao voltar-se para a razão de ser da Ordem: seu modo de ir pelo mundo. A dimensão contemplativa que, quando bem cultivada, revela-se como verdadeira fonte a jorrar a água benfazeja da presença de Deus em toda a sua vida e missão. Estas, fazem orientar este rio de vida por onde o Frade passar, irrigando os projetos evangelizadores e a comunidade a qual pertencer, concedendo evangélico sentido àquilo que prometeu ser e fazer.

Frei Rodrigo da Silva Santos

CROCOLI, A.; SUSIN, L. C.

A Regra de São Francisco de Assis.

Vozes: Petrópolis, 2013.

URIBE, F. **La Regra de San Francisco: letra y espíritu.**

Editorial Espigas: Murcia, 2006.